



Análise Econômica

Cenários frente à pandemia da Covid-19

Edição 27 – Brasília, 1 de outubro 2020

BALANÇO DA PANDEMIA

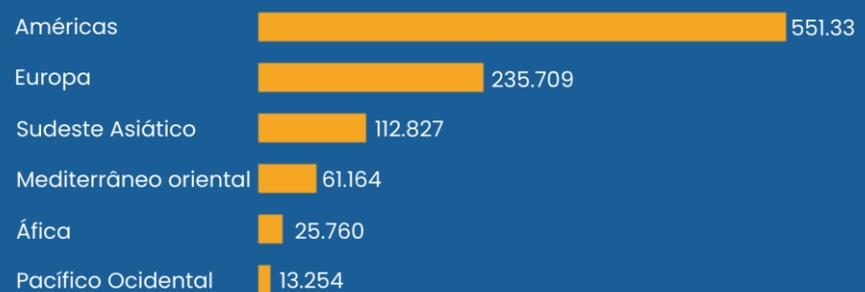
O Brasil segue ocupando o terceiro lugar em número de infecções por Coronavírus, além de ser o segundo país em número de mortes. Segundo o Nexo, Brasil e EUA são os principais países nos quais a pandemia atingiu um platô há meses, sem registrar movimentos de queda significativos como os vistos em outros países. No Brasil, desde o fim de maio, entre 500 e 1000 pessoas morrem todos os dias com variações para mais ou menos em determinados períodos.

Balanço da Pandemia

4.777.522 casos confirmados

142.921 óbitos

Situação de mortes por região da OMS



Fonte: Organização Mundial da Saúde (OMS) em 29.09.20
Obs.: os dados podem estar incompletos em função de atualização.

Nesta edição: o que é importante para a sua cooperativa!

Os produtos mais demandados durante a pandemia aumentaram de preço nos últimos meses. Os alimentos tiveram aumento na demanda tanto porque as famílias passaram a comer mais em casa, por conta do isolamento, quanto pela sua característica de item de primeira necessidade, que o torna indispensável mesmo com a alta do desemprego.

Esse cenário de maior demanda por alimentos tanto por parte dos brasileiros, como de outros países deve fazer com que a inflação para esse grupo se mantenha. Além disso, a forte desvalorização do real frente ao dólar também favorece esse panorama. E essa não é uma realidade apenas no Brasil, como mostraremos nesta edição.

Boa leitura!

Fonte dos infográficos: OMC, Globo Rural (1, 2), Valor, Notícias Agrícolas, Conab, Folha de SP (1, 2)

Como a pandemia afetou a inflação de alimentos?

A mudança repentina de consumo demandou medidas do setor agropecuário para a garantia da disponibilidade imediata de produtos e mudança nos fluxos comerciais de produtos agrícolas.

1°

Compras decorrentes do pânico inicial e aumento de consumo de produtos nacionais geram alta na demanda por alimentos básicos, frutas e vegetais processados.



2°

Queda nas vendas a restaurantes, escolas e ao setor do turismo e interrupção do transporte aéreo reduzem a demanda por produtos frescos e perecíveis de alto valor, mas há alta nos níveis de produção e nos estoques globais de arroz, trigo e milho.

Os campeões brasileiros de exportação e preços

O Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do planeta, mas, em razão da exportação acentuada de grãos, terá que importar matéria-prima (soja, milho e arroz), pagando preços maiores. Especialmente o milho e a soja são necessários para manter setores essenciais do agronegócio, como é o caso da produção de proteína animal.

A soja é o principal produto brasileiro de exportação. Junto com o milho, representam 88% da produção nacional de grãos. A produção de soja é 11 vezes maior que a de arroz. E a de milho, 9 vezes maior.

Soja



Posição internacional: O Brasil ultrapassou a potência norte-americana este ano e se tornou o maior produtor de soja no mundo.

Produção nacional (2020): 123 milhões de toneladas, sendo 60% para exportação

Como o cenário afetou o comércio do bem: O aumento de preços da soja expressam a valorização da oleaginosa. No início da colheita, em fevereiro, a saca (60kg) estava sendo negociada com o produtor a R\$85,00 mas, atualmente, está cotada no mercado interno a R\$ 130,00. O farelo de soja, obviamente, acompanha essa escalada. A tonelada já está sendo comercializada acima de R\$ 2.000,00.

Milho



Posição internacional: O Brasil é 3º maior produtor mundial

Produção nacional (2020): 100 milhões de toneladas, sendo 30% para exportação.

Como a pandemia afetou o comércio: Os bons preços internacionais estão direcionando boa parte da produção para a exportação, como já ocorreu no ano passado. Ainda que isso seja positivo para a balança comercial brasileira, a situação do milho (assim como do farelo de soja) encarecerá o custo das rações para aves e suínos, aumentando o custo de produção dessas proteínas.

Arroz



Posição internacional: O Brasil é o 11º maior produtor mundial, sendo a China o maior

Produção nacional (2020): 11,2 milhões de toneladas, com previsão de 1,5 milhão para exportação. Além disso, há expectativa de importação de 1,1 milhão de toneladas.

Como a pandemia afetou o comércio: No acumulado até agosto, o volume de exportações de arroz paddy aumentaram 234% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em valores, a alta foi de 165%. Já para o arroz glaceado, o volume exportado avançou 85%. Em valores, o aumento foi de 87%. Esse aumento das exportações brasileiras de arroz foi impulsionado não apenas pela alta do dólar, mas também pela entrada de novos mercados compradores do grão. O aumento do consumo domiciliar por conta da pandemia e o auxílio emergencial também teriam contribuído para o efeito sobre os preços. Fatores ligados à oferta também estão em jogo: o plantio de arroz vem diminuindo no país desde 2011, em detrimento sobretudo do cultivo de soja e milho, tendência sustentada pela maior rentabilidades desses grãos. Em 2019, essa troca levou a produção brasileira de arroz ao nível mais baixo em 16 anos.

É o estoque público brasileiro dos alimentos?



A formação de estoques públicos tem como objetivo executar a política governamental de intervenção no mercado para garantir o preço e a renda do produtor, bem como sua administração e manutenção a fim de regular o abastecimento interno, comercializando os estoques na entressafra para atenuar as oscilações de preço.

A ideia é que o governo mantenha estoques de produtos visando amortecer fortes oscilações no mercado. No caso do arroz, os estoques públicos vêm decrescendo sistematicamente nos últimos anos, o que reflete a dificuldade de utilizar o mecanismo para impactar o mercado e aliviar o preço do arroz no bolso dos consumidores.



Estoque público de arroz e milho (em toneladas)



Inflação dos alimentos durante a Covid-19 no Mundo

Estudo da Universidade Harvard

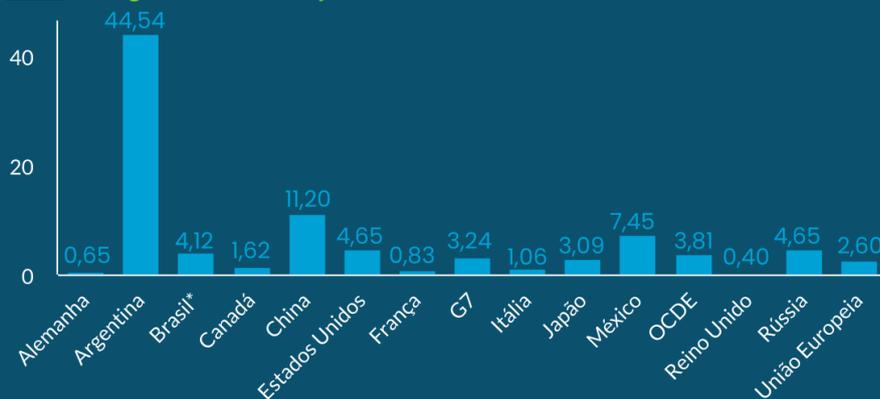
A alta dos alimentos parece ser tendência não apenas no Brasil. Estudo da Universidade Harvard com 18 países emergentes e desenvolvidos, demonstra que o Brasil aparece no topo da lista dos países com maior índice de inflação relacionado à pandemia. Isso acontece, porque o Brasil apresentou uma combinação entre alta forte nos preços dos alimentos (9% anuais em maio) e queda no custo de transporte (de 2,5%). Embora 12 dos 18 países tenham registrado padrões similares, a divergência entre as taxas de inflação setoriais brasileiras na pandemia tem sido maior e mais persistente.

Estudo da OCDE

Estudo da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) analisou a inflação no segundo trimestre de 2020. Segundo a análise, em abril a crise do coronavírus provocou uma queda brusca na inflação dos seus 37 países. A exceção foram os alimentos. Nos 37 países do bloco econômico, a alta anual no preço dos alimentos saltou de 2,4%, em março, para 4,2% em abril. Foi o maior aumento desde janeiro de 2012.



Taxa crescimento anual Inflação dos Alimentos em agosto de 2020 ou (*) julho de 2020



O país que registrou a maior alta em 12 meses na inflação da comida foi Argentina com 44,54%, seguido por China (11,20%) e México (7,45%).

Em agosto, a inflação dos alimentos em 12 meses na União Europeia foi de 2,60%, e no G7 (grupo das sete maiores economias globais) de 3,24%.

Caso queira ter acesso às edições anteriores, [clique aqui](#).